

A OUTRA PARTILHA DO SENSÍVEL NO DIÁRIO DE VIAGEM THE OTHER DISTRIBUTION OF THE SENSIBLE IN *DIÁRIO DE VIAGEM*

José Isaías Venera*

*Quem escuta uma história está em
companhia do narrador; mesmo
quem a lê partilha dessa companhia.*

Walter Benjamin

*Embora o policial da imigração não
me deixe esquecer, não me sinto um
estrangeiro em Frankfurt. Aos
poucos, faço minha a cidade dos
francos que cresceu nesse baixio do
rio Meno.*

Caco

Em 2018, logo após a conclusão do doutorado, comecei a ler os textos do professor Antonio Carlos Santos, o Caco como é conhecido, em sua coluna no portal BazarAmericano. Quando se conhece o autor, o texto ressoa também sua voz e suas expressões, uma atualização que conta com a memória sonora e visual que o leitor tem.

Diário de Viagem, nome de sua coluna, não poderia ser mais objetivo já que aponta para as andanças do autor pelo mundo. Mas o nome pode ser lido como uma etiqueta que pouco diz dos mundos possíveis elaborados pelo autor. Os lugares são as coordenadas do espaço e do tempo a partir das quais Caco escreve e formam o plano pelo qual se dá a partilha do sensível – em referência a Rancière, autor importante ao Caco –, neste gesto político de interromper a lógica causal. Os diários fazem isto, partem de uma relação com os lugares para a escrita seguir seu movimento aberrante, numa multiplicidade de trajetos, que são formados nos agenciamentos com escritores, músicos, artistas, encontros e desencontros amorosos dos autores, perseguições políticas, resistências, levantes, insurreições, conjecturas comunistas, barbárie nazista, películas que nunca deveriam ser esquecidas. Sua escrita ressoa as suas múltiplas vozes.

Em alguns momentos, a plasticidade dos textos me faz lembrar a imagem poética que Bachelard desenvolve. Em *A poética do espaço*, o filósofo mostra-nos que a repercussão é determinada por “uma só imagem poética, um verdadeiro despertar da criação poética na alma do leitor” (1978, p. 187). A imagem poética como criação, ou acontecimento, expressa a alma antes de ser capturada pela racionalidade (espírito). Esse

* Doutor em Ciências da Linguagem pela Unisul e professor da Univille. E-mail: j.i.venera@gmail.com.

instante de afecção e produção, que Bachelard associa com a noção de alma, tem sua determinação no espírito, ou seja, tem uma direção capturada pela razão. A partir do Diário, talvez pudéssemos dizer que a alma, em Caco, busca o cosmopolitismo. Em várias partes deparamos com imagens (narrativas) nesta direção de se esquivar a todo momento dos territórios demarcados, como na descrição que faz de um ritual cristão em que se sobressaem os tossidos e os comentários ordinários. Caco parte do singular na cena observada para cindir o tempo e a narrativa que se desterritorializa completamente.

Recordo mais este fragmento ordinário de um ritual cristão, talvez por ter sido o primeiro dos textos que li, se não me falha a memória: “Um tradutor no Baixio dos Francos. Inverno 2017/2018”. Do lago Baikal, no sul da Sibéria, parada obrigatória para quem faz a rota da transiberiana, na Rússia, Caco embarca com Bertolt Brecht (agenciamento dessa outra viagem): “estava no trem Transiberiano desde 30 de maio de 1941 em fuga rumo ao exílio nos Estados Unidos, com sua mulher Helene Weigel, os dois filhos, Stefan e Barbara, e Ruth Berlau, atriz dinamarquesa com quem Brecht também tinha um caso” (SANTOS, 2020). Como podemos ler, suas viagens causam esse impulso que é uma mistura de sensações com o direcionamento dos autores e obras que compõem sua subjetividade.

Nesse percurso do Diário, outros autores e lugares foram revisitados, mas é Brecht o mais notado. A qualidade da narrativa nos leva a Benjamin, cuja escrita é uma arte alegórica. Com Caco, na divisão “O montador maluco”, lemos: “A terra ondulada deixa à mostra o verde do campo cultivado em contraste com o cinza carregado do céu de dezembro” (SANTOS, 2020). São imagens poéticas que ressoam no leitor. É quando a escrita bordeia o imaginário do leitor, levando-o a estender, por que não, a plasticidade também de sua linguagem, num devir afirmativo. Nesse mesmo fragmento, a vida pulsante se faz presente na profanação: “Fico com a impressão de que mais do que o rito cristão o que une essa gente é a tosse” (SANTOS, 2020), referindo-se ao ritual na missa de natal (ao qual já fiz referência) na pequena comunidade de Reisbach, quando nas partes faladas os fiéis tosse e fazem pequenos comentários sobre política, guerra na Síria etc. Além de suas impressões, ele avoluma nossas experiências com traduções, como no poema de Brecht encontrado em um de seus cadernos de notas e dedicado ao amigo Walter Benjamin, após sua morte em 1941.

Para quem conhece minimamente o Caco, essa descrição do ritual cristão segue a leitura de Roland Barthes sobre o punctum na fotografia. É certo que não se trata de uma fotografia, mas somos levados a formar uma imagem a partir da cena descrita e a destacar o detalhe observado por Caco, o que indica sua recusa a se limitar à leitura geral e racional (studium) que um sociólogo ou semiólogo faria, ou seja, falar das indumentárias, dos objetos simbólicos que compõem um ritual cristão e assim por diante. Bem diferente, o que chamou sua atenção foram as tosses e os comentários, como se fosse preciso escapar da seriedade do rito para que a vida pulsasse fora das narrativas disciplinares. A tosse como um sinal para enunciar pequenas profanações e, assim, fazer circular as falas. Mas, é claro, o punctum não diz dos personagens da descrição, mas do que da cena pune o sujeito. Neste caso, o detalhe da observação ressoa um sentido já presente no observador, na contramão de um olhar geral.

Nesse inverno europeu de 2017-18, passamos, na companhia de Caco, por Brecht, Ruth, Völker, Klabund, Freud, Krakauer; pelo papel de Carola Neher como Polly Peachum no filme musical Ópera dos Três Vinténs e a versão feita por Chico Buarque em a Ópera do Malandro; pelas histórias envolvendo filiações ao Partido Comunista e as fugas do nazismo; como também pelos percursos por Praga, Zurique, Berlim, ou países como a antiga União Soviética, a França, a Espanha. E a lista segue. De fato, Caco é um grande narrador, em tempos cada vez mais escassos de encontrá-los. Se já era no tempo de Benjamim, quanto mais agora.

Esse rápido olhar sobre um dos textos do diário de viagem ilustra um pouco o universo do Caco. Leio seus textos como um convite ao platô de teóricos, literatos, músicos, artistas plásticos, fotógrafos, cineastas, de suas descobertas nas traduções, de suas pesquisas em andamento, dos lugares que conheceu.

E como não falar dos outros textos publicados no BazarAmericano, deixando de fora a Teoria do urubu e as manchas do nosso tempo que levam Caco ao período da ditadura militar? Esse nosso tempo angustiante se expressa no Diário, quando a poluição dos ares fascistas leva ao desaparecimento dos “vagalumes”. Mais do que nunca, Caco lembra alguns dos nossos vagalumes: Nelson Pereira dos Santos, Tom Jobim, Lúcio Cardoso, Noel Rosa, Dorival Caymmi, Guimarães Rosa, Paulinho da Viola.

Temos uma outra versão do Caco, o professor. Lembro-me de suas aulas e das impressões que tinha de seu domínio “absoluto” dos autores, mesmo sabendo que isto faz parte do meu imaginário, a ponto de eu ter a impressão de que, se ele quisesse, poderia dar uma aula inteira somente a partir de uma única frase de um autor. Nunca é demais citar alguns deles: Rancière, Flusser, Didi-Huberman, Agamben, Elias, Foucault, Bourdieu, Benjamin, Baudrillard... Às vezes, Caco era, e se eu voltasse a ser seu aluno continuaria sendo, aquele professor que percebe e é generoso para, em alguns momentos, edificar a interpretação como se fosse pedra sobre pedra, digo, era preciso ler frase por frase de um texto mais complexo e explicar calmamente cada uma delas. Por isso, talvez se justifique a impressão guardada de um intelectual com domínio “absurdo” dos autores que mobiliza em aula. Evidentemente, absurdo aponta para o irracional, mas era irracional a nós ouvintes que o texto pudesse expressar tudo aquilo que ouvíamos.

Para quem conviveu um pouco com o Caco, ressalta sua risada fácil, seu bom humor, sua ironia e seu gosto por estar entre amigos. Outra qualidade é seu apreço por música e sua competência no violão. Recordo-me de ter ido, pelo menos, duas vezes ao Campeche, em Florianópolis, em uma casa de amigos do Caco que reunia uma galera para conversar e ouvir música. Microfone aberto e músicos em prontidão, bastava saber minimamente cantar que o espetáculo estava feito. Se bem que, minimamente não era o caso, todos que ouvi eram afinadíssimos – e o Caco lá, no violão dando show.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Antonio Carlos. Diário de Viagem (Columna). *Bazar Americano*, Mar del Plata – Buenos Aires, março-abril de 2013 a maio-junho 2020. Disponível em: <https://www.bazaramericano.com/index.php>. Acesso em: 19 out. 2020.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.